



Último BOCA do ano,
BOAS FÉRIAS e RECS

BOCA

Centro
Acadêmico

Iara Iavelberg

Boletim do Centro Acadêmico

Número: 29

03 de dezembro de 2003

Instituto de Psicologia

USP-SP

A SAUDADE

José Israel (01)

A saudade é um amálgama de sentimentos de solidão e de tristeza, referidos à vivência com parentes, amigos, colegas... Mas esse amálgama, quando iluminado pela memória, adquire perfil que pode ser prazeroso.

Em geral, tem-se saudade do que já passou, de quem se está separado e de quem já não se tem, mas, sempre, de quem ainda se quer bem. *CARPE DIEM*, diziam os antigos romanos ao recomendar que se aproveitasse o melhor possível o tempo presente, pois ele é fugaz, escoa como areia seca entre dedos. Para Vinícius de Moraes, “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”. Assim, o viver de alguém é, também, uma seqüência de momentos de perda, separação e distanciamento, ainda que se lute conscientemente contra isso. Se a seqüência é ruim, pode se tornar pior, quando esse alguém nada faz contra a sua fatalidade, quando não é capaz de perceber o quanto ele é responsável pelo viver de outrem a quem tenha cativado. Pode-se perguntar: alguém cativa a outrem realmente? E a pessoa cativada realmente o merece, ou tudo simplesmente acontece, ou, deixa de acontecer, fenece?

O tempo presente existe como uma ilusão, pois, é momentâneo e logo se torna passado, enquanto o futuro simplesmente não existe! Mas, poderá existir no momento seguinte! Em determinado período, no entanto, o tempo é o

fenômeno mais evidente a demonstrar o conceito de continuidade. Tão evidente, tão inapreensível, quase incompreensível... A vida é outro fenômeno que também evidencia uma continuidade. A vida humana, especialmente, é um fenômeno a que se atribui significado. Este é vinculado à continuidade dela. Somente existe, enquanto aquela persiste, em cada momento; mas, também como a areia, escoa sua existência, continuamente. Portanto, alguém pode ter uma vida com significado, mas o poderá perder, embora essa perda possa ser compensada mediante a vivência da saudade.

Algo que pode dar significado à vida é o amor (amor-paixão, amor-romântico, ou, simplesmente, afeto). Mas, essa importância do amor não lhe é intrínseca, pois, como diz Jurandir Freire Costa (in “Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico.”), “o amor (...) não é um sentimento universal e natural presente em todas as épocas e culturas; não é um sentimento surdo à “voz da razão” e incontrolável pela força da vontade nem é a condição *sine qua non* da máxima felicidade...”. Efetivamente, ter afeto por alguém pode atribuir significado à vida simplesmente porque em determinadas circunstâncias históricas-culturais, independentemente do sexo e da orientação sexual, pode se tornar útil evolucionariamente. Mais

precisamente, pode se mostrar bom para o ser humano e favorecer a sobrevivência da sua espécie. Por outro lado, não ter afeto, relacionar-se alguém sexualmente com outrem de forma imediatista, limitada ao alívio da tensão sexual, semelhantemente à satisfação que se procura para qualquer uma das outras necessidades físicas, é dar significado a uma relação predominantemente objetual, ainda que prazerosa. Isso se mantém evolucionariamente? “A ver”, como se diz em espanhol. A verificação e a escolha da melhor opção cabem a cada um, mas, com certeza, é necessária maturidade para isso, qualidade esta que naturalmente falta a adolescentes e, geralmente, também, a pós-adolescentes estacionados naquela fase.

A verdadeira saudade emerge naquele que deixa passar, a seu tempo, as coisas e as pessoas por que(m) tem afeto, pois, assim, elas, de fato, não passam. Transcendem o tempo e o espaço. Permanecem eternamente no ser. O afeto, assim, é bendito, é o que dá bom significado à vida, e, por isso, cria e deixa saudade... “O verdadeiro amor é, paradoxalmente, uma saudade constante...” (Cecília Meireles in “Da saudade”).

Aos amigos e colegas que tenho no IPUSP, pelos quais já estou a vivenciar prenúncios de saudade, devido à aproximação das férias acadêmicas, mas, também, ao afastamento natural daqueles que concluirão a Graduação e irão passar pelo teste de realidade do mercado, desejo:

FELIZ NATAL! BOM ANO NOVO!! BOAS FÉRIAS!!! SUCESSO!!!!!!

Na (P) cilada (E) a (N) trama (A) (D) que (E) o (M) destino (O) (R) armou (T) (E) para mim: eu te pergunto com que roupa, vais contra acenar o teu papel?

É curioso o parque do Trianon. As crianças clarinhas das redondezas e que ainda não foram completamente apartadas do convívio público dividem o tanque de areia com crianças negras das redondezas, que perambulam soltas pelo parque. No último domingo, pelo menos, a situação era essa. Dois irmãos negros, de 3 e 6 anos, transitavam com desenvoltura do escorregador ao jogo de bola. Repare que eu não estou falando sobre quaisquer crianças, porque as muito pequenas ainda guardam alguma malemolência perante a classe dos aparvalhados. Aos 3 anos, estariam na fase de arriscar passos trôpegos, não fossem desenvoltas.

O menor deles, que vamos ficticiamente chamar de Mateus, era pessoalmente incomum. Talvez, repito, por ser ainda tão pequeno. Interpolava famílias estrangeiras e se misturava com graça na brincadeira das outras crianças. Mudava de família, perguntava, sem resposta, pelo irmão que, de seu lado, arriscava

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA:

Guilherme Gibran Pongibin (98), José Israel Guedes Rodrigues (01), Paulo Pita (03), Roberto Lustosa de Andrade (02) Tânia Lisboa (03) Fernanda (03) Jonas Boni (02)

Diagramação: Roberto Lustosa de Andrade (02)

Revisão: José Israel G. Rodrigues (01)

[R] = Texto Revisado, Tiragem: 200 exemplares

Publique no Boca: Envie para o e-mail do BOCA textos anexados como documentos do MS-Word (.doc) com/ou imagens em preto e branco até o meio dia de **domingo**, obedecendo a ordem de chegada para as publicações. As reuniões da Comissão Organizadora ocorrem semanalmente às terças-feiras das 13:30 às 14:00 hs..

Participe !!

www.psicousp.org

boca@yahoogroups.com

O conteúdo dos textos publicados são de responsabilidade do autor.

trânsito mais livre pela densa mata local. Mas garoto que ainda tropeçava nas palavras, Mateus era apenas a-sujeitado pelo mal-estar difuso. O medo da classe média não podia configurar franca repulsa, então os pais, de olhar amarelado, continham o próprio cinismo e recebiam a criança desenvolta na brincadeira dos filhos.

Kevin, nome também fictício, não dispunha das regalias do irmão mais novo. Do alto dos seus 6 anos, já configurava ameaça, punha no ar o cheiro do enfrentamento e arrependia os pais da ousadia de terem trazido os filhos para o espaço público. Tinha uma cara confusa, via nos olhos dos outros o tamanho da ameaça que representava e parecia não saber muito bem como caber. A criança veste as roupas do pai, as mangas escorrem, o chapéu tampa o olho direito, os sapatos são capazes de estalidos nunca antes imaginados. No caso de Kevin, a roupa era cor de cinza-ameaça, os sapatos causavam estalidos capazes de deixar pais tão acuados e ele, ao mesmo tempo, não conseguia encarnar o ódio e sabia o encarnar como ninguém. E apavorava. Meio como criança, que se bota de valente e acua o outro moleque, meio como uma figura absurda que, aos 6 anos, xinga de filha da puta as mulheres que passam longe. Filhas da Puta.

Aproxima-se de um pai estranho, que traz a filha no parque e deixa que ela se embrenhe no mato atrás do gatinho. Joga a bola com força nas costas do pai estranho. De repente, os olhares são atraídos pelo grito fino de uma mãe: Eduardo, cuidado com o balanço, Eduardo. Eduardo, você vai cair, Eduardo. A atmosfera é tomada pela voz fina e pelos Eduardos que se multiplicam desengonçados. Nunca, na história do parque Trianon, o tombo de um

Teo (pós) R

Eduardo seria tão capaz de constituirlo como Eduardo. Mas Eduardo não podia cair. Você vai cair, Eduardo.

Quando os olhares se voltam para o pai estranho, o desfecho do episódio da bola já aconteceu. Kevin pergunta: você tem apelido? Eu chamo Kevin, mas meu apelido é Mateus. É óbvio. Faz tão pouco tempo que eu sei falar, vocês não percebem? Comecei a andar outro dia. Não posso ser tão diferente do Mateus. Mas eu sou. E ele também vai ser diferente dele mesmo bem rapidinho, vai ser dotado de um poder de ameaçar, também vai ficar confuso ao escutar o barulho do próprio estalido.

O parque fica incrustado na cidade. Apesar de mata tão densa, o foco se amplia e o que vemos é o domingo claro, a Avenida grande. No dia anterior, um rabino de fala enrolada passara por ali acompanhado de uma apresentadora de TV. Quatro mil pessoas os seguiram. Vejam bem, nos tempos minguados em que vivemos, quatro mil pessoas estavam juntas. Tinham medo. Preparavam-se para uma guerra.

Estavam ajustando sob medida as xepas. Confabulavam tristes, mas orgulhosos: precisamos trocar as placas das unidades da FEBEM, chamemo-nas, de uma vez por todas, de Casa de Detenção. Ergamos monumentos afiados, capazes de degolar a ameaça que veste calças curtas.

Nota: precisamos rever se os parques recursos devem ser destinados à Universidade Pública. Não temos sido capazes de organizar reação coletiva a insanidade covarde do rabino e da apresentadora de TV.

Chegar e partir

Renato (01)

PEQUENAS ESTÓRIAS

A filha avisara que iria passar o dia na casa de uma amiga; depois, mais tarde, ligaria para que a buscassem. Tinha dezesseis anos. Muito bonita, ela.

Eram quase dez da noite e nada de a filha ligar. Preocupada, a mãe ligou à casa da amiga. Atendeu a mãe da amiga. As mães puseram-se a conversar. Conversa breve, curta. Sua filha não está aqui e nem esteve em outro momento do dia.

Deu a notícia ao pai, que, aliás, já entendera. Tem certeza de que era na casa dessa amiga? Ligaram para mais algumas colegas, mas nenhuma sabia do paradeiro da menina. Até que a mãe pensou, o namorado, claro! Era um namorico de colégio, ainda muito recente, sequer conheciam bem o rapaz, mas, é claro, ela só pode estar com o namorado...

O pai ligou à casa do menino. Atendeu a mãe do namorado. Pai e mãe puseram-se a conversar. Olá, muito prazer, mas meu filho não está, o que é muito comum – ele costuma sair sem avisar, demora a voltar... eu nem ligo mais. Se tiver notícias deles, avise-me, e desligou, o pai.

Começava o maior drama da vida desses pais. Polícia, buscas, informações desconstruídas, os dias passando, as noites sem sono, os dias com sonhos, a vida – um pesadelo.

Até que, alguns dias depois, uma denúncia levou à prisão de um garoto de dezesseis anos, que levou a polícia ao cadáver de um menino. Era o namorado. As informações do menor eram um pouco confusas, mas ele confessara sua participação no crime. Dissera, também, que a menina estaria viva, mantida em cativeiro por outros dois rapazes. Horas depois, a polícia localizou o corpo da garota, que havia sido esfaqueada.

As famílias ficaram em pedaços. O crime chocou o país. A polícia não capturou os outros rapazes supostamente envolvidos; estava, inclusive, duvidando da existência de um deles – talvez, o menor a tivesse inventado para amenizar seu grau de culpa.

Impressionava, muito e a todos, a frieza do menor ao contar os detalhes da perversidade. Contou que a menina fora violentada diversas vezes e que seus seios foram cortados antes de a degolarem. Tudo com muita calma.

* * *

A lei só permitiu que o menor ficasse recluso por três anos, durante os quais, os pais da menina fizeram questão de acompanhar toda a trajetória do rapaz. Ficaram sabendo o dia em que ele ganharia a liberdade e já preparavam a longa briga que travariam com a Justiça.

Em uma manhã, o barulho dos portões de ferro que ficaram para trás deu para o rapaz, já com dezenove anos, o sinal da liberdade. Extasiado com a situação, mal pôde reconhecer o casal – as únicas pessoas, por sinal – que o aguardava. Reconheceu-os, quando eles, que se aproximavam, já estavam bem próximos. Os pais da menina...

Assustou-se, procurou fugir, preparou-se para atacar. A mãe, com a voz embargada, ofereceu, “Quer vir morar conosco?”, o pai logo emendou, “A papelada já está bem adiantada para conseguirmos a sua guarda, temos até seus vinte e um anos...”. O rapaz, que não sabia bem o que “guarda” significava, um pouco confuso, fez, timidamente, que sim com a cabeça.

AGENDA I ENCONTRO CULTURAL SER E FAZER NO TRABALHO

José Israel (01) **Maria Carolina Yazbek (ex-aluna, turma de 97) convida para o I Encontro Cultural Ser e Fazer no Trabalho, a ocorrer no dia 06 de dezembro, das 10h às 15h, no Hotel Panamby – Rod. Presidente Dutra, Km. 223,8 – Guarulhos. Na ocasião será realizado o evento “O Trabalho Criativo: Herdeiro do Brincar”, que será constituído por palestras e debates (inclusive almoço), a cargo de Tânia Aiello Vaisberg – Profª. Livre Docente do IPUSP; Christiane Camps e Clarissa Medeiros – Mestres em Psicologia Clínica pelo IPUSP. Será uma promoção com o apoio do NEW – Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo. O investimento é de R\$ 30,00 (inclui almoço). Vagas limitadas. Mais informações no www.serefazer.com.br**

Apresentação do “Ballet Nacional do Brasil”

Allan Saffiotti (pós) convida para a apresentação de dança flamenca que ele e suas alunas de dança vão realizar no encerramento da exibição do “Ballet Nacional do Brasil”, que ocorrerá em 6 de dezembro próximo, às 20h, no Espaço Cultural Santo Agostinho, situado na Rua Apeninos, 118, Bairro da Aclimação (próximo ao Metrô Vergueiro). Entrada: R\$ 10,00

“Todos batendo palmas, isso é Tremendo!”

Luis (01)

Bem, como todos nós temos acompanhado, os assuntos do momento são as suspeitas de pedofilia do astro desfigurado Michael Jackson e o tal "Império do Engodo" do Dumit. Sinceramente, acho que o Dumit exagerou enormemente. Sei lá, quem ele pensa que é para se auto-entitular porta-voz do ódio de tantas pessoas? Petulante, Dumit se achou no direito de falar tudo aquilo que muita (mas muita gente mesmo) pensa, mas nunca teve coragem de falar.

Isso tudo é um absurdo! Dumit se tornando um ícone nesta faculdade? Onde já se viu isso? Onde o mundo vai parar? E graças a ele, tá uma movimentação diferente por aqui... Mas o importante é o caráter histórico do ato (basta nos lembrarmos o quão cultuado é o primeiro passo dado na lua). Dumit foi o primeiro e uma legião de seguidores já começam a intentona! Depois do "SAAI" e do "Foda-se", o movimento iniciado pelo Dumit tem atraído seguidores por toda à parte, o que rendeu articulações diversas, apoios paramilitares, lenha na fogueira, cocô no ventilador (segundo alguns)...

Mas algo eu não posso negar: o Dumit sabe ser polido. Quem imaginou que aquele que mostra suas nádegas pela janela, deixa o cofrinho sempre à mostra, anda de saia pela rua, e com a cara em forma de tabuleiro de xadrez, portar-se-ia feito um lorde? Nunca que eu, reles como uma barata, conseguiria fazer críticas sem deixar aflorar meu adorável lado chulo.

Tá, Dumit, você merece uma estrelinha só sua...

Mas voltemos aos fatos. Não sei o que ocorre por aqui, mas me parece uma ascensão do "fale qualquer bobagem, mas fale". As aulas se tornaram um festival cômico, tornando-se fonte riquíssima para o meu já grande repertório de piadas e aleatoridades. E nem sempre acho tudo isso engraçado... Às vezes fico enrubescido com tamanha falta de não sei o que... As pessoas têm se dado ao direito de proferirem perolas do gênero "Em atendimento home-care, os pacientes vão estar em casa?" (não, meu amor, eles estarão na padaria tomando um pingado e, enquanto isso, você aproveita pra dar uma encerada nos tacos da sala), ou "A grande maioria dos funcionários das escolas públicas são mulheres e negras, porque os homens brancos estão presos" (o que é isso? A lógica de um símio?), ou ao ouvir professores perguntarem se havia mais alguma dúvida, um aluno com todo seu brilhantismo teve a pachorra de levar a mão e dizer "não" (Alô? Perguntas retóricas foram feitas para não serem respondidas!). Nessas horas gostaria de portar uma espingarda de tranqüilizante para acalmar os ânimos... Ou que se realizasse meu desejo de uma bigorna cair nos autores dessas participações especiais... Bigorna? Ou piche e penas? Hum... Mas as coisas não param por aí, imagina. Parece que muita gente não passou na fila da barreira do recalque, só pode ser isso. Ao fazer críticas a

aulas e professores, alunos acreditam que estão no botequim da esquina comendo tremoço e podem falar o que bem entenderem.

À última vítima foi feita a reclamação de não estarmos preparados para realizar a tão famosa prova de 5 horas. Não estávamos, entendo. Mas dizer que a professora estava na lua com um papel nas mãos e caiu na Terra e continua com o papel na mão não seria falta de bom senso? Ilusão minha que todos os seres são providos deste artifício. Falta de respeito? Educação? Moral e bons costumes? Absurdos deste naipe, para mim, fazem que se perca completamente qualquer resquício de razão que alguém poderia ter...

O resultado foi o cancelamento da prova e uma auto-avaliação no valor de 6 pontos... Achei ótimo, adorei essa menos uma preocupação para minha vida já tão infeliz, mas, cá entre nós, isso não passa de um absurdo...

Bem, por que tudo isso? Por que eu dei a honra de meu romantismo por aqui? Bem... Embalado pelos Menudos, As Frenéticas e a musa Rita Cadillac, vos digo: "Não se reprima, abra suas asas e caia na gandaia, você não vai pagar nenhuma taxa se usar". Ora, aproveitem a onda e rompam com a barreira do recalque também! Fale o que der na telha; não importa a bobagem que seja! E feliz Natal!

O desejo de uma vida

*"Para estar junto,
não é preciso estar
perto.
Mas sim, do lado de
dentro."*
Da Vinci

Desejo um simples momento
livre, leve e pacificado.

Desejo um lindo lugar
nas montanhas isolado.

Desejo um clima ameno
um pouco frio, não gelado.

Desejo um recanto simples,
confortável e aconchegado.

Desejo saúde pra vida,
na lida estaria descansado.

Desejo por fim um amor
que seja ilimitado.

Desejo também, que ame
tanto quanto é amado.

Desejo que esteja pleno,
tão interno quanto ao lado.

Desejo que sinta a existência
do verdadeiro amor destinado.

E ao lado da minha amada,
Agradeço a vida dada,

Minha existência abençoada,
DEUS obrigado, mais nada.

Vitor Muramatsu (03)
Vitória, 22.11.00

Sobre o chamado "Império do Engodo"

Daniel Schor (01) R

O presente texto vem como resposta ao artigo publicado no BOCA da semana passada intitulado "O Império do Engodo". Pretendo aqui, esclarecer pontos que foram obscurecidos pelo texto referido e mostrar o engano em que o Dumit, seu autor, incorre em meio às idéias que expressou.

Naquele texto, afirma-se que o ocorrido nas aulas de Psicologia da Arte revela algo mais do que um conflito singular que haveria surgido naquele momento da disciplina. Segundo o autor do artigo, o conflito gerado faria parte de uma atitude recorrente por parte de muitos alunos, dos quais eu seria forte representante, que se auto-atribuíam uma "envergadura moral" digna da elite 'da elite intelectual do país'. A idéia presente é a de que eu e outros colegas estaríamos recaído freqüentemente em uma atitude panfletária e arrogante baseada mais ou menos num apego pueril a teorias e termos trabalhados por determinados professores, atitude essa que desconsideraria o fato claro de que "estamos a anos-luz de termos uma real compreensão de um assunto tão complexo e extenso". É como se eu e alguns outros colegas indiretamente estigmatizados como os "metidos a intelectuais", considerássemos que algumas teorias e uma certa atitude crítica já nos dão muita clareza do caráter ingênuo e opressor de diversas idéias com as quais entramos em contato ao longo do curso. Baseados nisso, estaríamos sendo um "engodo", desrespeitando o restante dos alunos que estão, como o Dumit, de saco cheio de perguntas e críticas que entravam muitas aulas.

Em primeiro lugar, Dumit, lamento pelo seu nojo. Em segundo, é preciso dizer que concordo com você em alguns pontos, inclusive quanto ao fato de minha "pergunta" naquela aula ter sido bastante inoportuna, e de eu ter me deixado levar pelo impulso naquela ocasião. No entanto, nem minha pergunta, nem a atitude do professor João Frayze, são representativas das idéias

que você defende no seu texto, as quais não passam de suposições suas. Nesses três anos de curso, você nunca entrou em contato comigo o suficiente para ser capaz de julgar corretamente as motivações subjacentes às perguntas que faço e à minha postura como aluno.

O primeiro aspecto a ser discutido é o fato de que o texto do Dumit tenta atribuir a culpa por um entrave, que de fato ocorre em alguns momentos, a uma categoria que ele próprio determinou, a dos metidos a intelectuais, sendo que as perguntas que muitas vezes entravam aulas não são necessariamente as que questionam os elementos epistemológicos e filosóficos do discurso do professor. Na aula em questão, isso ficou muito claro. Apesar disso, o mal-estar que o Dumit vem sentindo ao longo do curso o fez convergir completamente a razão do acontecido para a minha pergunta. O que minha pergunta fez foi colocar a última parte de água num copo já bastante cheio, provocando assim o seu transbordamento. O Dumit apenas esqueceu de dizer que ele contribuiu e muito para que o copo se enchesse através da sua pergunta que, num certo momento da aula, levanta a seguinte idéia: "Professor, mas a arte, ao mesmo tempo em que imortaliza, também mata, porque congela..." ao que o professor, irritado, responde: "Mas que concepção de arte é essa que vocês tem na cabeça?! Olhem para os seus próprios rabos!!". E o engraçado, Dumit, é que você escreve um texto inteiro, grande e articulado, para defender sua tese de que o ocorrido naquela sexta-feira se deve à atitude arrogante e já antiga de alunos como eu, acusando-me indiretamente de pouco humilde, mas esquece de se referir à enorme contribuição que você deu ao ocorrido através da tremenda bobagem que você falou. Parece que você, apesar de não ser ouvinte da disciplina e de ter assistido às aulas anteriores, também não entendeu muita coisa do cur-

so. Quem é que está faltando com humildade nessa história, Dumit? Eu, que movido por uma impulsividade já admitida por mim e típica da minha personalidade fiz uma pergunta inoportuna, ou você, que tenta colocar toda a razão do ocorrido, sobre o qual você tem tanta responsabilidade quanto eu, sobre a minha cabeça, acusando-me indiretamente de arrogante e colocando-me, de forma claramente injusta, como "epicentro do desentendimento"?

Além disso, penso que o bom andamento da aula não pode depender do bom senso dos alunos, devendo ficar a cargo do professor. Na minha opinião, é ele que tem competência para dizer se as perguntas devem ser feitas naquele momento ou se devem ser deixadas para o final, ou então ouvi-las e respondê-las depois, ou mesmo não respondê-las por as considerar inadequadas ao conteúdo da aula. O professor pode decidir resolver certas questões com os alunos fora da sala, deixar uma aula inteira só para dúvidas etc.

Há ainda um outro aspecto com relação ao qual o Dumit se faz totalmente contraditório, mas que fica obscurecido no andamento de seu texto. O que ele critica nas perguntas e atitudes de alguns alunos teria, segundo ele, base nas aulas do Luís Cláudio, do Nelson e do Moura (aliás, como eu não converso com o Dumit há mais de um ano, ele esqueceu de incluir entre as minhas referências atuais alguns professores como a Marilene Proença, a Maria Inês e o Leon), justamente por estes serem docentes que a todo momento colocam entre os elementos de suas aulas preocupações epistemológicas, filosóficas, matrizes e pressupostos teóricos. Ora, mas se a minha questão fosse de fato essa, e não expressasse nada mais do que a preocupação com clichês acadêmicos, que sentido faria a minha pergunta naquela aula, já que o professor João Frayze, que eu saiba, sempre incluiu tais preo-

cupações em seus textos e aulas, e é (ou era, até se aposentar) sem dúvida nenhuma, juntamente com os outros citados pelo Dumit, uma das principais referências dentro do IPUSP quanto a essas questões?

O fato principal, afinal de contas, é que toda a situação criada nesse triste desfecho da disciplina de psicologia da arte não tem nada a ver com o que, muito tendenciosamente, o Dumit descreve em seu texto. Sinceramente, eu dispenso a pobre interpretação que ele foi capaz de apresentar sobre as motivações que levam a mim e a outros colegas a fazermos perguntas durante as aulas.

O que ao Dumit pareceu arrogância e vontade de criar polêmica não tem nada a ver com nenhuma dessas duas coisas, embora eu até entenda que alguns possam ser levados a pensar isso. Acredite você ou não, Dumit, se tenho críticas e questões em muitos momentos, é por que realmente ouço aquilo que é dito pelos professores, e estou longe de achar que, como você bem disse em outros termos, a meia dúzia de conceitos que aprendemos até agora na faculdade nos permite criticar livremente, considerando de forma bastante leviana que já sabemos bem do que estamos falando. Você tem toda a razão, muitos dos conteúdos que tentamos aprender são coisas que demoramos anos para incorporar realmente, isso se nos debruçarmos muito sobre esses conteúdos após a graduação. Acontece, porém, que nada disso evita que alguns alunos, entre os quais me incluo, entrem em verdadeiro conflito existencial por causa do que se ouve e lê na faculdade. Por menos que você seja expert em psicanálise, fenomenologia ou escola de Frankfurt, se você entendeu alguma coisa do que foi ministrado nos cursos que falavam sobre tais teorias, é absolutamente impossível não se angustiar com todas as questões que essas aulas nos suscitam, ou pelo menos deveriam suscitar. Foi exatamente isso que me levou a ser inoportuno na aula do Frayze, pois naquele

momento eu passava, e ainda passo, por uma baita crise em relação aos conceitos da psicanálise. Isso não torna correta minha atitude, mas certamente mostra que ela não se relaciona com nada daquilo que você tentou fazer parecer. Além disso, penso que viver todos esses conflitos faz parte essencial da nossa formação, pois a falta do mal-estar, ela sim, é que denota atitude irresponsável, pois como pode um aluno considerar as questões muito bem resolvidas em um curso como o nosso? Lembro-me do que o professor Luís Cláudio dizia em Psicologia Geral II: "Minha intenção é que vocês saiam daqui incomodados e desconfortáveis".

Agora, Dumit, se mesmo assim você continua incomodado com alguns "intrusos" que nem estão matriculados nas disciplinas e, no entanto, ficam enchendo o saco ao parar as aulas para perguntar sobre pressupostos e coisas assim, eu o aconselho a se dirigir à Comissão de Graduação para reclamar, ou então siga o ditado: os incomodados que se mudem. Ah, e tem mais uma coisa: se seu ouvido não é pinico, sugiro então que pare de falar, pois a merda que você falou sujou tanto o ouvido do Frayze quanto a inconveniência da minha pergunta

Sonho Recorrente

Sonho que amo
na noite escura.
E desperto

Desperto sozinho.
desperto suado.
E irrequieto.

Um lado da cama
ainda está quente
e suado, e vazio.

No silêncio do quarto
a respiração revela
a presença de Rafaela.

Vestida de sombra e penumbra
com seu corpo cobre o meu,
como a noite cobre o dia.

E a alma pacífica
no amor do coração
que o corpo consome.

No sonho, que amo.
Na noite, escura.
Repouso.

Vitor Muramatsu (03)
São Paulo, 03.04.03

INVENTÁRIO 2004

O inventário é uma atividade de rotina em bibliotecas e tem como objetivo fazer a revisão completa do material que compõe o acervo.

A realização do inventário permite:

- ✓ Localizar o material guardado incorretamente;
- ✓ verificar o material que precisa ser reparado ou encadernado;
- ✓ identificar possíveis extravios de material;
- ✓ organizar o acervo.

Para que o inventário seja realizado com sucesso é necessário que a maioria do material esteja nas estantes.

Nossa biblioteca realizará seu inventário de 05 a 23 de janeiro de 2004,

e permanecerá fechada para atendimento ao público, pedimos a colaboração dos usuários no sentido de devolverem o material retirado por empréstimo até 17/12/03.

Agradecemos a compreensão.
SBD/IPUSP

Joãozinho (sem turma) e O Maravilhoso Mundo de MariLu

orgulhosamente apresentam

Rubens (01), Luís (01) e MariB (98)

Interações Virtuais

Joãozinho, depois de uma bela cagada no banheiro da biblioteca (indicado como o melhor banheiro da faculdade), saindo aliviado, vê a luz. Um dos computadores está conectado à internet. O momento era esse, o intervalo da aula não terminaria nas próximas hora e meia. Procurou como nunca, aquela que vinha sendo sua inspiração. Estava feliz, havia encontrado. Joãozinho surge no icq de MariLu:

Joãozinho Sem Turma: Oi, eu só sei o que me contam, me contaram que você é uma idola na psico.

MariLu: Idola? Aquela gatinha me adora mesmo... Mas, quem é você? Você é réquer? Como entrou no meu computador? Como você me conhece? O que você sabe? Vamos! Desembucha!

Joãozinho Sem Turma: Que triste, você nem me conhece...Decidi te procurar na web

MariLu: Deve ter 2 anos pela velocidade que digita...

Joãozinho Sem Turma: ih, pelo visto você deve ter o ego muito inflado, você deve ser narcísica..

MariLu: Narcísica? Não, meu nome é MariLu, você deve ter se enganado...

Joãozinho Sem Turma: Ah, deixa pra lá. Meu nome é João. É meio comum, né?

MariLu: Mais um resultado de pais sem imaginação....

Joãozinho Sem Turma: Vivo sendo confundido aqui na psico...

MariLu: Coitadinho...Eu definitivamente NÃO sei o que é isso... Parece que as pessoas sempre sabem em quem jogar as pedras...

Joãozinho Sem Turma: Elas são muito maléficas...

MariLu: ...e pervertidas...

Joãozinho Sem Turma: Olha só, somos dois incompreendidos. Será que gênios?

MariLu: Gêmeos? Não...não tenho irmãos... Você viu o Boca da semana passada? Eu até me recusei a escrever...

Joãozinho Sem Turma: Eu também não escrevi não. Pouca vergonha. Ambiente acadêmico circulando esse tipo de baixaria

MariLu: Ah! Até que enfim começamos a nos entender! Esse lugar é cheio de rituais pagãos... Tento lutar contra tudo isso há algum tempo, mas parece que essas pessoas preferem continuar com essa libertinagem... Teve até um professor que pediu demissão essa semana, acho que porque um aluno tirou a roupa na aula, ou algo assim...

Joãozinho Sem Turma: Nem me falhe... Eu tento entrar nessas tradições psicológicas, mas não tem dado muito certo...

MariLu: Você não leu o texto do aluno russo transferido, um tal de Dimitri?

Joãozinho Sem Turma: Ahn?

MariLu: ah...Deixa pra lá. Visivelmente você não foi tocado pela Dialética do Clareamento ainda... Você é novinho, não, João?

Joãozinho Sem Turma: Novo e velho.

MariLu: Como assim?

Joãozinho Sem Turma: Fui tocado por umas coisas e por outras estou interessado.

MariLu: O que? Foi tocado por um velho? Quem te tocou? Você é gay? Tá interessado em quem?

Joãozinho Sem Turma: Teve Aracaju, mas eu não posso falar sobre isso, "Pacto Starline". Sabe como é, psicólogos, sempre criando realidades paralelas.

MariLu: Ai, sei como é isso, vi no Legaly Blonde 2, aquelas coisas de irmandade, né?

Joãozinho Sem Turma: ISSO!!

MariLu: E vocês sacrificam pessoas? Bebem sangue menstrual? O que é esse ritual que acontece nestes encontros? Acho que se chama defenestração? Vocês jogam pessoas pela janela? (o verbo intransitivo direto "defenetre" vem do francês, de=através e fenetre=janela).

Joãozinho Sem Turma: As palavras nunca vêm do francês. Sempre do grego, do latim. MariLu: Claro que vêm do francês: abajur, sutiã, shampoo, Lancome....

Joãozinho Sem Turma: Gostei de você apesar de não entender direito as coisas que você fala. Acho que eu to em crise existencial. Tudo que eu gosto eu não entendo... Será que é por isso que eu gosto?

MariLu: Eu gostei de você também... Você é um bichinho curioso... Você disse que tudo que você gosta você não entende... É um enigma! Adoro enigmas! O que eu mais gostei é aquele dos fresquinhos...

Joãozinho Sem Turma: Não é um paradoxo? Um axioma? Será que a gente tá falando de epistemologia? To confuso...

MariLu: É?...E eu então! Você aprendeu essas palavras na aula de biologia? Eu sei outras! Oxiúros, inconstitucionalissimamente e paralelepípedo!

Joãozinho Sem Turma: Ai, a gente tem tanta coisa em comum e tanta coisa pra trocar né?

MariLu: Achei que a gente conectou... (direto do inglês, connecticut).

Joãozinho Sem Turma: ai, to até sem palavras. A gente precisa manter contato, o que você acha? Fora que eu ouvi que você é mó mulherão...

MariLu: Você tá me paquerando, é?

Joãozinho Sem Turma: uhn...

MariLu: ...Eu vou adorar! Podemos discutir algum assunto que nos tira o sono à noite, você deve saber que eu sou uma militante de causas mundiais, onde há um problema estou sempre lá, lutando pelos frascos e comprimidos....

Joãozinho Sem Turma: Ai, eu também adoro política. Gosto do Lula, do Alckmin e acho que o Maluf foi meio injustiçado, mas meus colegas de faculdade só ficam falando de uns nomes estranhos: Ivan, Tita, Aldaíza... Sei lá, falam que é errado torcer pelo Alckmin ou pelo Enéas.... Mas que eles ganharam, ganharam, né?

MariLu: Lula? Adoro! à dorê... Mas o presidente...um torneiro mecânico? Sem um dedo na mão? Ele só sabe contar até nove!Eu acho que o Maluf deveria ser o presidente. Colocar mais minhocões pela cidade...hummmm...Sou super a favor.Agora, em relação a futebol, como você mesmo colocou, eu não torço pro Alkimin não..Prefiro o Ajax...Adoro aqueles alemães robustos...A raça ariana é TUDO! O Eneas pisou na bola quando tirou sarro dos homossexuais...Já discorri sobre esse assunto inúmeras vezes aqui...

Joãozinho Sem Turma: É verdade...

Joãozinho Sem Turma: Como nós fazemos então, quer dizer, como nós ficamos então, quer dizer, a gente vai manter contato?

MariLu: Vamos sim...adoro contato..aquela coisa de pele, sabe? Química? Podemos marcar um encontro...O que você acha?

Joãozinho Sem Turma: Seria ótimo. Onde?

MariLu: Pra gente manter um contato penso que teria que ser um lugar mais reservado...

Joãozinho Sem Turma: Ai, num sei...Tá, pode ser...

MariLu: Vai ser gostoso, eu garanto...

Joãozinho Sem Turma: Mas ninguém vai ficar sabendo?

MariLu: NIN-GUÉM...Eu prometo.

Joãozinho Sem Turma: Promete? Acho que tudo bem... Eu posso ir até sua casa. Sempre quis saber como a MariLu mora... O que você acha?

MariLu: Eu aceito que seja na minha casa, mas com uma condição: nada de deixar rastro no caminho porque meu esconderijo deve continuar secreto. Tenho muitos inimigos ao redor do mundo...

Joãozinho Sem Turma: Mantereí o segredo!

MariLu: Combinado! Sexta feira, depois da aula, te pego ali na Praça do Relógio... Ao meio dia!

Joãozinho Sem Turma: Ta bom... Preciso ir que a mulher da biblioteca tá me olhando feio e mandando eu nunca mais usar esse computador sem ser para pesquisar.

MariLu: Ta! Um beijo, xuxu...

Joãozinho Sem Turma: Eu não sou o xuxu... Me confundem com todo mundo....

Amor sem fim

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

A faculdade está deserta como a manhã de um feriado prolongado. Chegou o fim do ano. Ouço o canto triste dos pássaros. Rumo vagarosamente em direção ao banco responsável pelos momentos mais intensos da minha vida. Ocasões onde imperavam a plena alegria, que contagiava minha alma. Pela primeira vez sento-me solitária. Sinto uma angústia no peito e uma mágoa em meu coração. Queria poder recostar em seu ombro e relatar calmamente todas as minhas confidências e meu sincero amor por sua pessoa.

Está a cada dia sucedido, mais difícil viver sem a sua presença. Os dois anos que vivemos juntas é o assunto de um romance escrito em sua homenagem. Na introdução discorri sobre seus dotes físicos e sobre o inesquecível dia que fui apresentada a você. Salientei o amor a primeira vista. Sincronismo perfeito na troca de olhares, seguido de um caloroso abraço e por fim um afago com minha mão, por toda a extensão esquerda de sua face. A correspondência disparou meu emotivo coração: um entusiasmado sorriso.

Iniciei o primeiro capítulo descrevendo o desenrolar do nosso primeiro encontro e o cenário natural. Vibração incontida ao ouvir atenciosamente suas aprazíveis palavras em meio ao ar puro e envolvente da natureza a nossa volta. Emoção inolvidável quando você repousou sua mão sobre a minha, acariciando-a.

O segundo capítulo ficou reservado a nosso primeiro beijo. Não tínhamos o nosso desejo. Nossos lábios lentamente se tocaram. A pressão entre eles transferiu todos os sentimentos de amor e afeto de uma para a outra. O desdobramento do beijo seguiu uma crescente. A chama foi despertada e o prazer classificado como absoluto.

No terceiro capítulo narrei o apogeu de nosso relacionamento. Encontrávamos todos os dias da semana

e também falávamos por telefone durante horas. Nosso amor transcendia a paixão. Você era minha razão de viver.

O quarto capítulo retratei um assunto polêmico. Enquanto vivíamos um conto de fadas, simultaneamente deparávamos com a questão da discriminação. A sociedade não perdoava nossos beijos em público. As pessoas não toleravam nossos abraços e carinhos mútuos. Porém não escondíamos nosso relacionamento da comunidade, afinal era um amor autêntico e recíproco.

O quinto capítulo é um divisor de águas e foi o mais difícil de escrever. Infelizmente um irresistível sedutor surgiu na sua vida. O processo de conquista foi lento, porém eficiente. O relacionamento estável que construí durante dois anos se perdeu em três meses de galanteio. Uma fatalidade...

O último capítulo é uma sucessão melancólica. Meu coração partido, não encontrava forças para se reconstituir e procurar um novo amor. Ansiava acordar do pesadelo. A realidade se transformou em tédio sem a sua companhia. Gritava o seu nome em vão. A solidão apossou completamente minha essência.

Lágrimas percorrem com veemência o meu rosto sofrido pelas marcas de uma afeição. Imaginem o amor entre duas mulheres. Havia um laço afetivo muito forte entre nós duas. Já tive algumas experiências com os homens, e posso afirmar que havia diferença. Os homens demonstravam alguns sentimentos, não revelavam outros, pela pressão da sociedade a sua volta, e por motivos que não convém discutir neste momento. Em resumo, não se entregavam completamente. Já as mulheres amam com o coração, o corpo e a alma. Possuem uma sensibilidade ímpar. Portanto, sofri quando terminou os relacionamentos que tive com os homens. Mas o fim de meu relacionamento com ela destruiu por inteiro meu frágil coração. Tudo que senti por aquela mulher, jamais se apagará. O término de nosso amor é um pesar sem fim. Foi intenso, verdadeiro e sem limites.

DISSERTAÇÕES E TESES

Enviado por Islaine Maciel

CANDIDATO(A): MAYSA ALAHMAR BIANCHIN
Programa de Pós-Graduação em NEUROCIÊNCIAS E COMPORTAMENTO

Título da Tese: "ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO (AVE) E REABILITAÇÃO: ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA E PRÁTICA, DEPRESSÃO, QUALIDADE DE VIDA E BARREIRAS AMBIENTAIS"
COMISSÃO JULGADORA — Membros Efetivos: Prof^ª Dra. NIELSY HELENA PUGLIA BERGAMASCO – Orientadora – Neurociências e Comportamento – IPUSP; Prof^ª Dra. MARIA CRISTINA DE OLIVEIRA SANTOS MIYAZAKI — Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto; Prof. Associado SÉRGIO LIANZA, da Faculdade de Medicina da Santa Casa; Prof. Titular CIRO FERREIRA DA SILVA, do Instituto de Ciências Biomédicas I – USP/NEC; Prof. Dr. RUBENS JOSE GAGLIARDI, da Faculdade de Medicina da Santa Casa.

Data Defesa Pública: 17 de dezembro de 2003 às 9h. Local: Anfiteatro do IPUSP

CANDIDATO(A): CARLA ODA
Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA SOCIAL

Título da Dissertação: OPERADORES DE TELEMARKETING: STRESS, AUTONOMIA, SOMATIZAÇÃO E DORES EM PESCOÇO E OMBROS

COMISSÃO JULGADORA — Membros Efetivos: Prof. Dr. ESDRAS GUERREIRO VASCONCELOS – Orientador — Psicologia Social – IPUSP; Prof. Dr. AVELINO LUIZ RODRIGUES, do Instituto de Gastroenterologia do Estado de São Paulo; Prof^ª Dra. RAQUEL APARECIDA CASAROTTO, do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional – FM-USP

Data Defesa Pública: 17 de dezembro de 2003 às 9h. Local: Sala 20 do Bloco Didático do IPUSP

NOTA sobre a Exposição dos estágios de 2003 em Psicologia do Trabalho e em Psicologia Organizacional:

Enviado por Joari (98)

Data: 3 a 5 de dezembro;

- local: Sala de Estudos da Biblioteca do IPUSP (Sala "Professora Lígia Amaral");

- atividade especial: 3 de dezembro, das 10 às 12h; presença dos estagiários, dos supervisores, dos professores e dos monitores das disciplinas de Seleção Profissional I e II para apresentar a exposição e discutir as práticas de estágio.

Organização: CPAT. Apoio: Biblioteca e Diretoria do IPUSP.

Ano Novo

Busllis(00) R

Então, mais um ano chega ao fim. Racionalmente falando, olho para mim mesmo e não acredito em muitas coisas: que já tenho 21 anos, que já vou para o quinto ano da faculdade (me lembro de quando estava no colegial e de como a faculdade estava tão longe) e outras coisas mais.

De fato, a vida exige um auto-olhar constante, pois senão perdemos o nosso próprio bonde. Deve ser aquilo que o Jung escreveu, sobre olhar para dentro e acordar. Mas devo confessar que gosto de olhar para fora e sonhar de vez em quando. Aliás, isso me lembra um sonho que tive recentemente, sobre quatro torres, Deus e o Diabo. Foi estranho, mas, enfim...

Emocionalmente falando, neste ano a famosa frase de Pascal (sábio, místico, matemático, filósofo, gênio e francês do século 17) "O Coração tem razões que a Razão desconhece" me fez muito sentido. Porém fico pensando se o fato da frase "fazer sentido" não é uma contradição com o seu significado. Mas, sei lá, vai saber...

Então, neste meu último texto só gostaria de agradecer a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para as minhas aventuras, acadêmicas ou não, nesta faculdade, dentro ou fora da USP. Por exemplo, a frase "Os Caras são foda!" dispensa explicações. De fato e com efeito (como eu adoro esta expressão essencialmente piagetiana!), o aprendizado que me foi imputado pelos "Caras" desenvolveu o meu lado místico (no sentido bioniano de "coisa nova, inesperada, novidade"), aquela coisa que o velho e sábio Stanislav Grof (terapia psicodélica e respiração holotrópica; Psicologia Transpessoal, a Quarta Força da Psicologia, que por sinal não é

estudada nesta faculdade) escrevia, sobre o "urso que dorme no inconsciente". Os planos sutis de existência, o plano espiritual, o lado espiritual dos escritores filosóficos (Emerson, Kant etc), as cores das auras, a maravilha que é sentir a energia das pessoas, tudo isso que dizem que é loucura, mas que é muito real para quem consegue sentir, enfim, devo isso aos Caras.

Mas grande importância tiveram, também, neste ano em particular, o que eu poderia chamar de "as várias facetas de minha *anima*". Anima é um conceito junguiano que, na minha concepção, designa "a porção feminina do homem" (acho que em Jung é assim também, não me lembro direito...), e que, no processo de individuação, devemos integrar no nosso *self*. Enfim, blá-blá-blá à parte, o fato é que na confrontação com a anima, conhecemos-nos melhor. No meu caso, os conteúdos de minha anima vieram ao meu encontro (muitas vezes de surpresa) via...como poderia dizer...mulheres, meninas, garotas...às vezes não sei como designá-las. Muitas vezes tive a impressão de que todos éramos apenas duas crianças, sei lá, não sei como explicar. Só sei que, nesse processo todo, conheci-me melhor, aprofundei-me em meu auto-conhecimento. Tudo foi e sempre me será e continuará sendo muito valioso, um acréscimo espiritual que dinheiro algum poderia ter comprado. Mas imagino que um acordo mais duradouro, talvez com uma faceta em especial, me fosse mais interessante para o meu auto-conhecimento. Enfim...

Agradecimentos mais, gostaria de agradecer à Comissão Organizadora do BOCA, sem a qual nada disso seria possível. E agora que

o Batata vai se formar, quem poderá substituí-lo? Imagino que ninguém, as pessoas são insubstituíveis.

Agradeço também às pessoas das várias repúblicas que me acolheram nos momentos de necessidade. Um conselho: mantenham sempre a esponja e o detergente em dia, pois sem isso não terei como realizar o meu trabalho.

Agradeço ao Jairo e também ao Zé e à Tia, tanto pelas conversas quanto pelas aquisições (livros e comida; espírito e corpo).

Para terminar, graças aos professores e também aos meus pacientes/clientes, tudo em nome do auto-conhecimento.

Dando o toque místico ao meu texto, agradeço aos meus pais que me geraram, que me permitiram manifestar e sentir a Vida e a Morte e também aos pais deles e assim indefinidamente. Em última análise, agradeço a Deus (que para mim tem um cunho energético) e à Natureza (que não são assim tão diferentes), e, mais ainda, agradeço à minha consciência que me permite usufruir e perceber isso tudo.

Para terminar de verdade, agora que é época de Natal, meu conselho é que aproveitemos essa boa concentração de energia construtiva/renovadora que costuma acontecer nesta época, e que, no começo do ano, não nos esqueçamos deste *espírito* renovador. Vamos servir de canal e expandir, devolver, essa energia, esse amor, ao mundo todo e, por que não?, a todo o Universo. Porque o mais difícil é manter o movimento da luz, não é saber que ele existe. Enfim, é isso e até o ano que vem, amigos e amigas. Alegrias para todos!

"Amemo-nos, uns aos outros, unidos num só pensamento"
Friedrich Nietzsche